

FHC ^{viagem} nos EUA

Em atenção ao convite para visitar os Estados Unidos, que lhe foi entregue no próprio dia da posse, a 1º de janeiro, o presidente Fernando Henrique Cardoso segue hoje para Washington e Nova Iorque, para uma estada de quatro dias e conversações com o governo dos EUA, empresários norte-americanos e representantes da imprensa, televisão e setores culturais. Será um dos programas mais intensos já cumpridos por um chefe do Governo brasileiro nos EUA em todos os tempos. E, certamente, dos mais produtivos.

Para início, não há contencioso sério nas atuais relações do Brasil com os Estados Unidos. Questões como o atraso da votação de lei de patentes e da assinatura do acordo com a empresa norte-americana vencedora da licitação para instalar o sistema de vigilância da Amazônia são problemas normais e transitórios entre duas grandes nações, sempre amigas e aliadas. A moldura mais ampla do relacionamento bilateral, entretanto, é das melhores. E está complementada, também, por outras importantes realidades, como o fato de que ambos os países são signatários da Rodada Uruguai do antigo Gatt, a ser sucedido em breve pela Organização Mundial do Comércio.

No mundo interligado de hoje, cada governo está suficientemente bem informado sobre o que se passa com o outro. Mas nem sempre a opinião pública, especialmente a dos Estados Unidos, goza da mesma vantagem. Se Washington e os grandes investido-

res — e credores — privados e governamentais do Brasil sabem quase tudo que precisam saber sobre o governo FHC, o Plano Real e a realidade brasileira de hoje, o mesmo não acontece com amplos setores da opinião interna dos EUA. Neste sentido, a visita do presidente FHC, que já foi professor em universidade norte-americana, só vai trazer benefícios para o melhor conhecimento da atualidade brasileira por parte do homem comum daquele país, bem como se setores localizados que, por motivos diversos, tenham algo mais a aprender em relação ao Brasil.

Os encontros programados para esta visita, a começar da inédita entrevista coletiva à imprensa que FHC e Clinton vão conceder na Casa Branca, abrem, portanto, uma excelente oportunidade para que a democracia brasileira, o plano econômico em andamento e as possibilidades oferecidas pelo País sejam melhor conhecidas do povo norte-americano e dos setores políticos, econômicos e culturais daquela grande nação. Por isso mesmo, não é uma visita capaz de produzir resultados imediatos, como a assinatura de acordos extraordinários, que não estão em pauta. O seu grande efeito será a médio e a longo prazos, pelo clima de confiança e de otimismo no Brasil, que o Presidente brasileiro certamente saberá transmitir aos norte-americanos, com a sua experiência política e, sobretudo, com a sua vivência e conhecimento da realidade e das interrogações do povo dos EUA.